

## OLHAR DOCENTE

### Projeto Valorizando as Diferenças Raciais

Iniciei o Projeto Valorizando as Diferenças Raciais na SOBEI (Sociedade Beneficente Equilíbrio de Interlagos) no Centro de Educação Infantil Jardim das Macaúbas no ano de 2016 com a turma do Infantil composta por 25 crianças, devido



à fala “Não quero brincar com você porque você é pretinha” que presenciei entre duas crianças durante uma brincadeira. Em minhas propostas sempre trabalhei questões étnicos raciais, porém me impactou de tal maneira, fazendo refletir que existe preconceito entre crianças de 4 anos acredito que “a criança não nasce preconceituosa, ela aprende a ser” e eu quanto docente preciso fazer a diferença ajudando cada uma respeitar as diferenças raciais, sociais e culturais, neste momento convidei a todos para fazer uma roda de conversa, em uma breve sondagem observei

algumas falas como “A professora Erika tem cor de chocolate claro, mas ela é

bonita.” Após ouvir diversos relatos senti a necessidade de elaborar um Projeto com a finalidade de desenvolver a construção da identidade, autoestima sobre suas características físicas, criar imagem positiva de autoconfiança, familiarizar com o processo de inclusão, combater o bullying racial nos diversos espaços do CEI, valorizar a diversidade e envolver os familiares no Projeto.

Segundo a lei 10639/03 da LDB, cabe a nós docentes promover práticas para abordar a temática, valorizando a cultura negra, promovendo o desenvolvimento das crianças nas questões étnico-raciais.



Por se tratar de e assunto polêmico senti a necessidade de me debruçar aos estudos e pesquisas para articulação com as crianças e seus familiares. Foram estabelecidas parcerias com Evaldete Maria Martins da Silva, Coordenadora Pedagógica dos Projetos Afros e Oficineira, que faz a diferença na Educação Infantil Paulistana

com o seu Projeto “Caixoteca Literária da Cultura Afro Brasileira”. Tem cerca de 110 livros sobre essa temática, empresta seus livros para docentes trabalhar as questões raciais com as crianças, recebi o apoio de Luana Ingrid Safire, Pedagoga, idealizadora da revista Ébano Brasil, Coach, e Ativista, foi uma parceira importante nesse Projeto, se dispôs a ir ao CEI, em uma roda de conversa lúdica com as crianças, descobrimos quanto as crianças precisavam resgatar sua identidade, me apresentou seu Projeto e me incluiu em suas palestras e reportagens para mídia, onde eu relatava minha vivência em sala de aula, me dando força para continuar.

Passei a pesquisar mais sobre o assunto, as principais personalidades que foram importantes para a nossa história, como Dandara, Zumbi, Maria Firmino, Luiz Gama, Nelson Mandela, Martin Luther King entre outros. Passei a resgatar memórias da minha infância, a importância que minha mãe teve na minha criação para que eu pudesse lidar com essas questões da melhor maneira quando criança.

“Se minhas professoras tivessem feito por mim, o que proponho a fazer pelas crianças teria desenvolvido minha autoestima em quanto criança”.

Descobri a importância que um docente pode ter na vida de uma criança, o quanto se faz necessário olhar para eles, muitas vezes estão pedindo ajuda e nós como educadores fechamos os olhos e esquecendo que o foco principal é proporcionar



uma educação de qualidade que contemple a igualdade racial. Concordo com a frase “A história e a educação do negro não se restringe à população negra, pelo contrario, diz respeito a todos, pois todos devem educar-se como cidadãos atuantes em uma sociedade multicultural.” (MOITINHO, 2008)

Para elaboração do Projeto recebi o apoio da gestão com orientações, disponibilização de materiais de apoio, houve interação entre todos os módulos do CEI no qual participaram de algumas propostas com contação de histórias e brincadeiras.

Iniciamos o Projeto com experiências desenvolvidas duas vezes por semana nos ambientes internos e externo do CEI com apresentações dos materiais escolhidos, visando sempre a organização do espaço. Por meio das rodas de conversas, músicas, brincadeiras, contação de história, culinária, arte, criação e poesias. No início não havia interação entre o grupo aos poucos fui observando a diferença.

Ao longo do ano trabalhamos com confecções de turbantes, máscaras africanas, diversos livros como: Cabelo de Ielê, Rapunzel e o Quibungo, O mundo no black power de Tayó, Doce princesa negra, A princesa e o vento, Menina bonita do laço de fita, Flavia e o bolo de chocolate, O tabuleiro da baiana, Princesa na escola, Bruna e a galinha de Angola e os contos do livro “O menino marrom”. Poesias do poeta Luiz Silva e Solano Trindade, filme Kiriku e a feiticeira, danças e brincadeiras

fizeram parte do Projeto, capoeira, maracatu, samba e MPB. As crianças também apreciaram a *rapper* “Soffia”, suas músicas com letras marcantes que falam sobre preconceito, diversidade e gênero fizeram a alegria da criançada durante o ano todo. Fechávamos a semana com brincadeiras no canto da beleza, as meninas amarravam laços de fita, turbantes, pintavam as unhas com base e passavam brilho labial, arrumavam os cabelos dos meninos com gel e assim todos participavam e terminávamos o nosso dia de forma lúdica e prazerosa.

De acordo com a publicação do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade

“Durante a educação as crianças já começam a conhecer seu corpo, as diferenças e semelhanças entre os colegas do grupo, escolhem com quem brincar e se relacionar. No entanto é fundamental que o educador trabalhe em sala de aula questões sobre diferença e em especial as relacionadas ao pertencimento racial, não só com as crianças, mas com as famílias e comunidade”. (CEERT, 2011)



A participação da família foi muito importante para o desenvolvimento do Projeto, os pais em casa conversaram com seus filhos sobre suas origens, participava das propostas “sacola viajante” com leitura de livros, ilustrando fatos e confeccionavam bonecos de pano, interagindo entre eles e ao mesmo tempo tratando da questão étnico-raciais ludicamente por meio da leitura.

As questões relacionadas ao assunto étnico-racial foram discutidas por meio de reuniões com familiares e comunidade. Durante uma dessas reuniões, uma mãe

relatou que dentro de casa as tias brincavam chamando sua filha de “neguinha do cabelo duro”. E neste momento entendi o porquê a criança citada não aceitava sua cor e seu cabelo, houve outros relatos das famílias então decidimos trabalhar em parceria.

Com a parceria entre as famílias, foi melhorando cada vez mais, nas agendas chegavam relatos sobre a proposta legal que aconteceu no dia, o livro que tinha 3 princesas negras, a mãe perguntando quem era a *rapper* Soffia, a filha dela só cantava essa canção que tinha uma letra interessante sobre preconceito, em um dos relatos a criança branca, defendeu sua amiga negra que um outro amiguinho tinha tratado mal na calçada de casa.



No final do ano já era nítido o respeito a autoestima em relação a cor, cabelo e a interação entre as crianças, as mães dizendo que tinham que acordar mais cedo para arrumar os cabelos das suas filhas, colocando fitas e passando batom para chegar lindas na escola, outras reclamando que elas queriam ter cabelos cacheados e uma das mães comprou babyliss para fazer a vontade da filha, o espelho da sala, ficou disputado com tantas meninas se olhando, arrumando os cabelos. Observar as crianças brincando e querendo serem príncipes das princesinhas negras e no final de tudo presenciar os pais emocionados agradecendo todo o carinho e cuidado com seus filhos, os relatos de gratidão, “Professora, você mudou a vida da minha filha!

Obrigada”. Me senti privilegiada e com a sensação de dever cumprido! “Plantei minha sementinha”.



A avaliação foi feita de forma contínua durante todo o desenvolvimento do Projeto, por meio de observações e acompanhamento das atividades propostas, fotos, registro e vídeos. No CEI realizamos duas vezes ao ano a Auto Avaliação dos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana, no qual são levantadas questões da Dimensão 5- Relações Étnico-Raciais e de Gênero onde a comunidade juntamente com a equipe discute questões com finalidade reflexiva sobre a temática.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. **Orientações curriculares:** expectativas de aprendizagem para a Educação Étnico-Racial, Educação Infantil, Ensino Fundamental. BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Lei n° 10639 de 9 de janeiro de 2003. Brasília, 2003.

MOITINHO, Sara. **A criança negra no cotidiano escolar.** 2009. Dissertação (Mestrado)–PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2009.

SÃO PAULO (SP). **Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana.** São Paulo: SME/DOT, 2016.